Revista *a*SEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

# A atualidade dos termos caráter e personalidade

**Tania Coelho dos Santos**
Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil) Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana/ ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Rio de Janeiro, Brasil)
E-mail: taniacs@openlink.com.br

**Flavia Lana Garcia de Oliveira**
Doutorado e mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Especialização em Psicologia Clínica Institucional pelo Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro adjunto do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana/ ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
E-mail: flavialanago@gmail.com

---

**Resumo:** Apresentamos um estudo sobre as definições de personalidade e caráter na psiquiatria clássica, na metapsicologia freudiana e na literatura psicanalítica, para pensar os desafios impostos ao psicanalista pelas neuroses contemporâneas. Seguindo Miller, partimos do caráter como a noção advinda do campo da psiquiatria que prefigura o resto não interpretável que habita o sinthoma enquanto conjunção do sintoma com o caráter. Após abordarmos a semiologia psiquiátrica clássica, delimitamos em Freud a distinção entre sintoma e caráter. Em seguida, trazemos as contribuições de Reich e Fenichel. Um situa as couraças do caráter como efeitos patogênicos da coerção civilizatória. Já o outro associa as deformações de caráter ao empobrecimento da elaboração inconsciente e da rigidez da defesa do eu contra a angústia devido, levando a personalidades enrijecidas no gozo autista do sinthoma.
**Palavras-chave:** personalidade; caráter; sintoma; sinthoma; narcisismo.

---

**L'actualité des termes caractère et personnalité**
Nous présentons une étude sur les définitions de personnalité et caractère dans la psychiatrie classique, dans la métapsychologie freudienne et dans la littérature psychanalytique, pour réfléchir aux défis posés au psychanalyste par les névroses contemporaines. En suivant Miller, nous partons du caractère comme la notion venue du champ de la psychiatrie qui préfigure le reste non interpretable qui habite le sinthome en tant que conjonction du symptôme avec le caractère. Après avoir approché la sémiologie psychiatrique classique, nous délimitons chez Freud la distinction entre symptôme et caractère. Ensuite, nous apportons les contributions de Reich et de Fenichel. On place les cuirasses du caractere comme les effets pathogènes de la contrainte civilisatrice. L'autre, cependant, associe des déformations de caractère à l'appauvrissement de l'élaboration inconsciente et à la rigidité de l'autodéfense du moi contre les angoisses, ce qui conduit à des personnalités durcies dans la jouissance autistique du sinthome.
**Mots-clés:** personnalité; caractère; symptôme; sinthome; narcissisme.

---

**The actuality of the terms character and personality**
We present a study on the definitions of personality and character in classical psychiatry, in freudian metapsychology and in psychoanalytic literature in general, to think about the challenges imposed on the psychoanalyst by contemporary neuroses. Following Miller, we start from the character as the notion coming from the field of psychiatry that prefigures the undecipherable rest that inhabits the sinthome as a conjunction of the symptom with the character. Then we bring the contributions of Reich and Fenichel. One places the armors of character as the pathogenic effects of civilizational coercion. The other, however, associates deformities of character with the impoverishment of unconscious elaboration and the rigidity of the self's defense against anguish, leading to personalities stuck in the autistic jouissance of the sinthome.
**Keywords:** personality; character; symptom; sinthome; narcissism.

**A atualidade dos termos caráter e personalidade**

*Tania Coelho dos Santos & Flavia Lana Garcia de Oliveira*

## Personalidade

Dizemos que alguém tem personalidade quando se destaca de seus semelhantes por alguma característica excepcional**.** O talento do escritor, do artista, do cientista ou do político pode elevar estes indivíduos à condição de personalidades célebres. Entretanto, não são somente as virtudes que conferem celebridade à personalidade de alguém. Quem não se lembra de Maria de Fátima, personagem ícone do mau-caratismo na novela "Vale-tudo"? Mais recentemente, Carminha, a vilã da novela "Avenida Brasil", mereceu o título de ser supremo em maldade. E o que dizer da personalidade dúbia e controversa de Félix Khoury, na novela "Amor à vida"? Se os exemplos de personalidades antissociais se multiplicam nas telenovelas, é cada vez mais raro, nos dias de hoje, vermos despontar indivíduos excepcionais pelas suas qualidades morais, artísticas ou intelectuais. A era dos grandes homens acabou? Como se define o conceito de personalidade nos dias de hoje?

Segundo Filho & Morana (2014), o problema dos atualmente chamados "Transtornos Específicos da Personalidade" (TEP) está longe de ter alcançado esclarecimento satisfatório na psiquiatria vigente, apesar de sua importância, especialmente no domínio forense. O próprio conceito de "personalidade" abre-se a controvérsias em todos os campos dedicados à investigação do comportamento humano. Com efeito, é difícil encontrar uma acepção precisa e um acordo quanto ao seu significado. Para alguns, a palavra remete à singularidade pessoal, à individualidade concreta, ao "estilo" ou ao modo de ser peculiar, inacessível à redução científica. Por ser uma manifestação ideográfica, toda generalização de características ou inferências sobre o modo de ser individual apresenta um halo de imprecisão ou indeterminação. Na tradição psiquiátrica inglesa, "personalidade" denota o conjunto de disposições da ordem dos impulsos e sentimentos, correspondendo ao termo "caráter", derivado do grego, através do latim, e que significa "cunho", "marca" ou "qualidade inerente". De fato, "caráter" também foi a designação do conjunto de tendências afetivo-volitivas, mas em psiquiatria, considerou-se que esse termo estava carregado de ressonância moral e que era conveniente preferir "personalidade".

Na história da psiquiatria, o conjunto desses transtornos recebeu os rótulos de "mania sem delírio", "insanidade moral", "inferioridade psicopática", "personalidade psicopática" ou "psicopatia" (Lewis & Wessely, 1997). Até hoje, entretanto, o termo "psicopatia" é confundido com "psicose" e tomado como sinônimo de doença mental, em linguagem leiga. Não obstante, há autores que defendem uma acepção definida para "psicopatia", segundo critérios próprios de operacionalização (Hare, 1996). De modo geral, esses transtornos se apresentam como desvios graves do comportamento que não se acompanham de delírios, alucinações ou desordens significativas da organização mental e do pensamento, mas as pessoas com TEP podem também apresentar processos psicóticos. Os TEP não são doenças, em sentido estrito, mas anomalias do

desenvolvimento psicológico que, em última instância, correspondem à integração deficitária dos impulsos afetivos e volitivos.

Em 1932, Lacan defendeu sua tese de doutorado, intitulada *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, na qual apresenta o estudo do caso Aimée, paciente acompanhada durante sua internação no Hospital Psiquiátrico Sainte-Anne. Movida por delírios de perseguição, ela teria se dirigido a um teatro e atacado uma famosa artista de Paris com uma navalha. O desencadeamento repentino do delírio desta paciente, em descontinuidade com sua personalidade prévia, além da retomada da ordem do pensamento e das volições após a passagem ao ato homicida, distanciava seu adoecimento da descrição kraepeliana clássica da paranoia. Dessa ênfase na reversibilidade do quadro delirante, Lacan extraiu argumentos que lançaram uma nova perspectiva para o tema da paranoia e da constituição do eu. Ele defendeu que a paranoia integra não apenas os delírios sistematizados em psicoses, mas também o desenvolvimento da personalidade normal. Lacan concebeu a paranoia como uma síntese da personalidade que promove um fenômeno de conhecimento a partir das relações do indivíduo com o mundo externo. Portanto, antes de configurar a psicose como estrutura clínica, o mecanismo paranoico é concebido como uma pré-condição à estruturação universal do eu como efeito da relação com o outro (Gonçalves & Teixeira, 2016). Em "A agressividade em psicanálise", Lacan (1966/1998) ratifica essa aproximação, sublinhando a ambivalência estrutural observáveis nas reações de impotência e júbilo experimentadas pela criança na identificação com o outro. Portanto, a psicanálise lacaniana introduz a ideia de que a estruturação da personalidade funda-se por meio do mecanismo paranoide por implicar a constituição do eu a partir do laço a uma imagem e a um discurso externos que se impõem sobre o psiquismo.

## Da personalidade ao caráter

Adotamos como orientação a definição de Miller acerca da psicanálise no sentido absoluto, como uma experiência que conduz cada um de nós a nos reconhecermos como um "existente", isto é, como Um-corpo marcado pelo significante e destacado do mundo que nos cerca. O "existente" é um significante solitário, infinitamente singular. A transferência analítica contraria o autismo da solidão do significante ao tomá-lo como o sujeito que é representado para outro significante (o analista). Por esta razão, Miller (2011) afirma que a experiência psicanalítica não é a sua clínica. A clínica funda-se na estrutura interpretável do sintoma como uma formação do inconsciente. Um sintoma é equivalente a um discurso ou a um laço social. A experiência analítica visa extrair o sinthoma, um acontecimento de corpo que é a consequência do traumatismo de lalíngua (Lacan, 1975-1976/2005). O sinthoma é este "Um corpo" como resto não eliminável e irredutível ao sujeito do significante. A relação com o corpo enquanto tal é o que a disjunção do real, do imaginário e do simbólico significa. Esta disjunção não tem nada a ver com a definição de sujeito e, por conseguinte, não conduz ao laço social (Miller, 2013). Neste artigo, tomaremos o caráter como a noção advinda

do campo da psiquiatria que prefigura este resto não interpretável que habita o sinthoma enquanto uma conjunção do sintoma com o caráter.

Devemos a Freud a distinção entre sintoma e caráter. O primeiro é constituído pelo recalque/retorno do recalcado, que dá lugar a uma formação do inconsciente. É a consequência da constituição do sujeito por meio do complexo de Édipo. O segundo deriva dos destinos da pulsão relacionados à "nova ação psíquica", que conduz o corpo fragmentado ao narcisismo: a inversão no contrário e o retorno para o próprio eu. A formação do superego como herdeiro do complexo de Édipo confere ao caráter uma nova dimensão, desta vez, sublimatória. Coube a Miller (2003) redefinir o sinthoma, conceito lacaniano, como a conjunção entre o sintoma e o caráter. O destino do sinthoma é tornar-se um *escabelo,* alguma coisa sobre a qual ergue-se o falasser para se apresentar como belo. É o seu pedestal o que lhe permite elevar-se à dignidade/coisidade da Coisa – *dignité*, *dingté*, no jogo homofônico em francês forjado com o termo alemão *Ding*. O sinthoma como escabelo é um conceito transversal que desafia a distinção entre sintoma e caráter. Traduz por meio de uma imagem a sublimação freudiana num cruzamento com o narcisismo.

**Caráter e enlaçamentos sociais na psiquiatria clássica**

É incontestável que a teoria e a prática psicanalíticas são tributárias da investigação psicopatológica iniciada pela psiquiatria clássica. As elaborações tecidas por diversos psiquiatras modernos ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX na França e na Alemanha consolidaram o nascimento da clínica com a apropriação do método científico pela medicina (Barreto, 2016). A nosografia psiquiátrica clássica foi traçada a partir da análise exaustiva e objetiva dos fenômenos perceptíveis. Sua ordenação e seu agrupamento foram delineados conforme as analogias e as diferenças nas classes sintomáticas dos processos mórbidos.

Na primeira etapa do século XIX, a noção de caráter foi remetida ao universo geral da loucura. Em 1801, Pinel publicou o *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou mania*, no qual a alienação mental foi apresentada como uma categoria empírica integrante do grupo das vesânias – mania, melancolia, demência e idiotismo (Bercherie, 1989). Pinel ampliou o estudo dos distúrbios das faculdades mentais do alienado, abarcando a sensibilidade, as emoções, as afecções morais, a imaginação, o pensamento, o julgamento, a memória, como também o caráter (Pinel, 1801/2007). No esteio da tese geral de que a maior parte dos casos de loucura seria de causa social, devido a paixões intensas e a irregularidades dos costumes, Pinel avaliou quais aspectos externos poderiam deformar o caráter e predispor o indivíduo à loucura. A modalidade de tratamento moral visava restabelecer a razão por meio da submissão a uma disciplina severa e paternal, com a privação do alienado das percepções e dos hábitos que haviam gerado a doença mental.

Esquirol, discípulo de Pinel, inverteu o paradigma etiológico da alienação mental para a predominância das causas orgânica e hereditária. Além disso, acentuou a possibilidade de explicar diversos distúrbios mentais, como perturbações no equilíbrio entre as moções inferiores e a atenção,

designada por ele como a grande função sintética do eu (Bercherie, 1989). O aprofundamento que Esquirol realizou das descrições clínicas pinelianas se destacou por estabelecer a conhecida série nosológica das monomanias, definidas como "todas as afecções mentais que só afetavam o espírito parcialmente, deixando intactas as faculdades, afora a lesão mental que constituía a doença" (Bercherie, 1989, p. 50). Sua classificação final distinguia três tipos de monomanias: as *intelectuais*, nas quais prevaleciam o delírio e as alucinações; as *instintivas* ou *sem delírio*, que incluíam atos irracionais e reprováveis à consciência; além das monomanias *afetivas* ou *racionais*, marcadas por distúrbios do caráter, da afetividade e do comportamento, sem comprometimento da razão (Esquirol, 1816/1976). Aqui o termo caráter figura como uma função mental que poderia ou não ser debilitada, a depender do quadro nosológico. Já Morel e Magnan incluíram os distúrbios de caráter e de personalidade no mesmo rol dos retardos mentais. Todos seriam pertencentes à classe dos hereditários-degenerados (Bercherie, 1989).

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a noção de degenerescência gradativamente cedeu lugar à noção de constituição. Em 1913, Jaspers publicou o clássico *Psicopatologia Geral*, no qual define a personalidade e o caráter de modo bastante similar, como a totalidade das conexões compreensíveis e individuais da vida humana. Ou seja, como o indivíduo se move, se manifesta, reage às situações, suas aspirações, valores, etc. Nessa perspectiva, a personalidade se delimita como consciência de si e como sentimento de eu em uma historicidade. Ao mesmo tempo, Jaspers ressalta que, mais do que a marca de um "ser do caráter" definitivo, há o "devir do caráter", referente àquilo que o indivíduo realiza no mundo no curso do tempo, às possibilidades e decisões ao longo da existência.

Em 1923, Schneider publicou suas concepções sobre o tema do caráter no livro *Las personalidades psicopáticas*. Para este autor, a personalidade de um homem é o conjunto de seus sentimentos, valorizações, tendências e volições. Schneider (1923/1974) localiza nas personalidades psicopáticas os desvios da normalidade que não se referem às doenças mentais francas. Ele distingue os seguintes tipos: hipertímicos, depressivos, inseguros, fanáticos, carentes de atenção, emocionalmente lábeis, explosivos, desalmados, abúlicos e astênicos. O emprego atual da noção de psicopatia se alinha ao que este psiquiatra denominou como *psicopatas desalmados*, expressão utilizada para nomear indivíduos carentes de compaixão, vergonha, sentido de honra, remorso e consciência.

Já Kretschmer (1954) estabeleceu uma caracterologia baseada em uma correlação entre certas estruturas morfológicas e certos temperamentos, articulada por meio de ligações endócrino-humorais e neurovegetativas. De acordo com este psiquiatra, o conceito de caráter corresponde à "totalidade das possibilidades afetivo-volitivas de reação de uma pessoa [...] a partir da predisposição hereditária e de todos os fatores exógenos: influências físicas, educação, ambiente e incitações acidentais ou episódicas" (Kretschmer, 1954, p. 385, tradução nossa). Kretschmer destacou quatro qualidades do caráter que, se alteradas, poderiam predispor à doença mental: 1- A sensibilidade

frente à experiência; 2- A conservação do que foi vivido; 3- A elaboração intrapsíquica; 4- A exteriorização e a descarga da energia psíquica retida. Esse autor compreende como o caráter de um indivíduo sua aptidão para reagir, isto é, sua capacidade de resistência (natureza estênica) ou sua insuficiência (natureza astênica). Observamos que as formulações recenseadas acima desenvolvem um pormenorizado exame semiológico e provocam um debate em torno de uma abordagem estritamente fenomênica de possíveis fatores sociais e inatos decisivos para o adoecimento psicopatológico. Quanto ao uso terminológico, observa-se correntemente tanto a aproximação quanto a distinção conceitual entre as noções de caráter e de personalidade.

**Teoria do caráter e metapsicologia**

Diferentemente da vertente semiológica, Freud desenvolve uma teoria construída a partir de uma metapsicologia do aparelho psíquico, que se convencionou chamar de primeira tópica. Este aparelho divide-se entre duas instâncias potencialmente em conflito: o inconsciente e o pré-consciente/consciente. A primeira é regida pelo princípio hegemônico da vida psíquica, o da repetição do prazer obtido na satisfação dos desejos arcaicos ou infantis. A segunda visa amenizá-lo submetendo-o às exigências da realidade social. Uma barreira chamada censura as separa radicalmente como duas línguas – a arcaica e a moderna – intraduzíveis uma na outra.

A teoria do caráter é dependente de uma teoria das pulsões e de seus destinos, bem como de uma teoria das identificações narcísicas e edipianas. A fonte mais direta do caráter são as renúncias impostas pelas exigências civilizatórias à satisfação das pulsões parciais. A formação do caráter diz respeito à constituição do "eu" como efeito unificante de uma "nova ação psíquica", que exclui de seu campo o autoerotismo originário das pulsões parciais ligadas a zonas erógenas do corpo. Orienta-se, por conseguinte, pelo narcisismo, servindo-se das formações reativas de "inversão no contrário" e de "retorno sobre o próprio eu". O sintoma é uma formação do inconsciente, constituída como um ciframento do desejo infantil indestrutível e transindividual. É constituído pelo mecanismo do recalque que incide sobre os desejos universais, parricidas e incestuosos da espécie humana despertados pelo complexo edipiano, rejeitando-os como tabu. De maneira distinta do recalque, que incita à supervalorização sexual do objeto, a sublimação consiste numa transformação no âmbito da própria pulsão, destinando-a à satisfação com os propósitos artísticos e culturais da civilização. A diferença entre seus efeitos sobre o caráter e aqueles que resultam das formações reativas nunca foram estabelecidos com clareza.

Mais tarde, depois da afirmação de um princípio mais além do princípio do prazer, isto é, da pulsão de morte, inaugura-se uma segunda teoria do aparelho psíquico (Freud, 1923/1996). A resistência do eu ao êxito do tratamento analítico e uma obscura necessidade inconsciente de punição – que se observa no apego do analisando ao seu sintoma – justificam uma ampla revisão da tese de que o princípio do prazer, isto é, a pulsão de vida, seria hegemônico na vida psíquica. Serão agora três instâncias: o id, o ego e o superego. A primeira é a sede das pulsões. As outras

duas nela se enraízam. O ego se esforça por mediar as relações entre esta instância arcaica, o id, o mundo externo e o superego. O ego não é mais apenas uma instância imaginária, resultado do amor narcísico de si mesmo. Ele é um precipitado de antigas relações amorosas. Agora é ativo, quer viver e ser amado, e luta por realizar os desejos do id, enfrentando as forças que emanam do superego. Este último é definido como cultura pura de pulsão de morte, habitado pelo que a pulsão tem de mais pulsional (*Triebhaft*), a compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*). Fundamento da consciência moral, paradoxalmente, é o que existe de mais inconsciente. Comporta-se como força obscura e destrutiva que urde o fracasso dos esforços terapêuticos.

Como se pode depreender desta breve introdução metapsicológica, o tema é complexo. Uma breve pesquisa genealógica acerca da teoria do caráter na obra freudiana mostra que Freud empregou esse termo, primeiramente, para designar a disposição hereditária à neurose. No decorrer do relato dos casos clínicos, o caráter do paciente é relacionado às referências familiares, sendo percebido por Freud como um dos fatores decisivos para o desencadeamento e a permanência dos estados patológicos. A "Carta 72" das correspondências de Freud a Fliess contém o germe de algumas ideias acerca do termo que serão abordadas em textos posteriores. Freud defende que a renúncia aos prazeres infantis é a condição de possibilidade para a formação do caráter: "essa característica infantil desenvolve-se durante o período de 'anseio intenso', depois que a criança é afastada das experiências sexuais" (Freud, 1897/1996a, p. 317). Posteriormente, Freud (1908/1996b) propôs que traços de caráter surgem como substitutos do prazer erógeno na zona anal durante o treinamento esfincteriano na época infantil. A moralidade, a vergonha e as formações reativas emergem no "período de latência", após o recalque do complexo de Édipo, impondo à satisfação pulsional transformações que impactam diretamente o desenvolvimento do caráter. Freud inaugura correlações mais sistemáticas entre determinadas zonas erógenas e tipos de caráter, tomando como protótipo o erotismo anal. Traços típicos da neurose obsessiva, como a ordem, a parcimônia e a obstinação são enumerados, por exemplo, como apresentações do "caráter anal".

Freud também discorreu sobre a ligação problemática entre a satisfação sexual direta e as sublimações necessárias ao processo civilizatório. Se a maciça abstinência gera grandes entraves para o ego, consumindo o caráter do indivíduo devido a uma luta infindável que este travará com a pulsão, a descarga direta também pode corromper o caráter e gerar grande dificuldade para lidar com a realidade. Em "Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho analítico", Freud (1916/1996c) investiga essa temática, descrevendo três atitudes caracterológicas diante da falta de um objeto último de satisfação: os reivindicadores em ser tratados como "exceção" – por acreditarem já ter renunciado e sofrido bastante –, os fracassados pelo êxito e os criminosos devido ao sentimento inconsciente de culpa.

Mais adiante, em "O ego e o id", algumas formulações freudianas redefiniram a formação do caráter no psiquismo sem se afastar dos preceitos psicanalíticos, respondendo, aos pensadores da época que aspiravam erguer uma clínica distinta da clínica das formações do inconsciente. Freud

(1923/1996d) expande o campo de ação do inconsciente para as incidências no comportamento não redutíveis à clínica dos sintomas interpretáveis. A resistência do eu, a compulsão à repetição e a necessidade de punição fundam-se no enraizamento do ego e do superego no id pulsional. A noção de superego nesta nova tópica lhe permite um tratamento conceitual da questão da formação do caráter. O superego, identificação arcaica e pulsional, na medida em que se faz herdeiro das identificações secundárias com a dissolução do complexo de Édipo, humaniza-se e se torna um poderoso vetor das sublimações necessárias à formação de um caráter. Na saída do complexo de Édipo, o superego substitui a instância interditora encarnada no pai, internalizando-a através do processo identificatório. Sela-se, assim, o laço fundamental entre a função paterna, a identificação e a emergência do caráter.

Por fim, em "Tipos libidinais", Freud (1931/1996e) sistematiza tipologias de caráter com base na relação dos indivíduos com os investimentos libidinais. Ele elenca como os três perfis libidinais principais o tipo *erótico*, o tipo *narcísico* e o tipo *obsessivo*. O tipo *erótico* teme a perda de amor, levando o sujeito a assumir uma posição de dependência diante daqueles que podem privá-lo de seu investimento amoroso. Representa a prevalência das exigências pulsionais do id no caráter. O tipo *obsessivo* é marcado pela predominância do superego. Ao invés do medo da perda o amor, há o temor de sua consciência. Indivíduos caracterizados por essa tipologia "desenvolvem um alto grau de autoconfiança e, do ponto de vista social, são os verdadeiros e predominantemente conservadores veículos da civilização" (Freud, 1931/1996e, p. 226). Já o tipo *narcísico*, imprime uma configuração psíquica na qual inexiste a tensão entre o ego e o superego. Não há a preponderância de necessidades eróticas. A personalidade é marcada pelo elevado interesse na autopreservação, pela independência, pela não abertura à intimidação e pela considerável cota de agressividade à disposição no ego. Freud indica que a experiência clínica o levou a encontrar com muito mais frequência tipos mistos, mais do que os tipos puros.

## Contribuições de Reich e Fenichel para a teoria da formação do caráter

Ressaltando o valor pioneiro do trabalho de Freud e, ao mesmo tempo, buscando novos passos, Wilhelm Reich (1930/2001) extraiu outras consequências das articulações entre o caráter e sua base pulsional. Ele ressalta a apresentação corporal do caráter que se evidencia no "modo típico de reagir" de alguém no cotidiano e no próprio tratamento analítico, por exemplo, no andar, na expressão facial, na postura e na maneira de falar. Para Reich, a formação do caráter seria uma tentativa de o ego lidar com a angústia ao preço de uma mudança crônica que leva ao seu "enrijecimento". A "couraça de caráter" e "caráter do ego" são expressões reichianas para as defesas do ego diante das ameaças do mundo externo e das exigências pulsionais do id. A couraça do caráter é uma "formação protetora", cujo preço a ser pago é a restrição da mobilidade psíquica da personalidade global. O que se costuma identificar como a característica mais fundamental de uma personalidade são as formas diversas que o "encouraçamento" do ego adquiriu. A diferença entre

uma estrutura orientada para a realidade e uma estrutura de caráter neurótico depende da flexibilidade do encouraçamento, isto é, da capacidade do ego se abrir ou se fechar para o mundo exterior. As "brechas na couraça", ou seja, as relações não caracterológicas e mais atípicas com o mundo exterior, são vias de comunicação abertas em um sistema que, de outra forma, encontra-se fechado em si mesmo. O autismo e a esquizofrenia seriam os protótipos clínicos máximos desse radical fechamento.

Quanto à função econômico-libidinal do caráter, esse autor sustenta que sua formação se precipita como "uma forma definida de superação do complexo de Édipo" (Reich, 1930/2001, p. 152). O cerne da constrição da couraça no conflito infantil são os desejos genitais incestuosos e a frustração real da satisfação dos mesmos. A formação do caráter resultaria de uma forte oposição entre desejos genitais demasiadamente intensos, de um lado, em contrapartida a um ego relativamente fraco, o qual, por medo de ser punido, se protege pelo recalque e pelo represamento das forças pulsionais. O advento das formações reativas em jogo no caráter cumpre a função econômica de aliviar a pressão do recalque e, acima de tudo, de fortalecer o ego e gerar satisfações distorcidas. No entanto, a reboque destes processos, erige-se um forte bloqueio contra os estímulos externos. Nesse ponto, Reich segue o rastro freudiano. Ele aborda o caráter como um "mecanismo de defesa narcísico" frente à frustração da satisfação pulsional, servindo ao ego como uma proteção que leva o aparelho psíquico a erguer uma barreira entre o eu e o mundo externo.

Encontramos em Reich uma elevação do valor clínico da análise do caráter e da liberação da couraça, em detrimento à decifração dos sintomas. O viés freudo-marxista de suas formulações as situam dentro de sua teoria crítica da ideologia autoritária. Ele entende as petrificações do caráter como efeitos patogênicos da coerção da sexualidade requerida pelo processo civilizatório. Quando a pulsão é frustrada muito precocemente, o recalque impediria novos destinos pulsionais, como a sublimação e sua satisfação consciente. Um conflito indissolúvel entre proibição e pulsão – que constitui terreno fértil para as formações reativas graves – seria instaurado de forma definitiva. O encouraçamento do ego seria resultante, sobretudo, do medo de punição advinda das proibições e das normas que são veiculadas para a criança através dos pais e dos professores.

Já os desdobramentos do psicanalista pós-freudiano Otto Fenichel partem de um princípio oposto, associando o agravamento das psicopatologias do caráter à frouxidão das intervenções educadoras no laço social na atualidade. De acordo com esse autor, o interesse crescente da psicanálise pelo tema do caráter se coaduna a uma nova configuração das neuroses, na qual prevalecem modos de defesa caracterizados pela limitação crônica da plasticidade do eu e seu enrijecimento identificatório na posição de objeto. Para Fenichel, o enrijecimento do caráter é consequência da pobreza dos recursos adquiridos pelo eu para se organizar frente às exigências pulsionais, do mundo externo e as do superego. O método e a maneira como o ego admite, rechaça ou modifica as exigências pulsionais depende do que em seu meio ambiente lhe foi ensinado a respeito da maneira como enfoca essas exigências. Com a falência dos recursos simbólicos

transmitidos pela sociedade, a luta contra as irrupções pulsionais se torna mais aguda, uma vez que o enfraquecimento de frustrações específicas, a obstrução de certas respostas e a facilitação de outras, assim como a criação de novas metas pulsionais a partir da referência a ideais específicos, se mostram inoperantes.

A psicanálise partiu da investigação dos sintomas neuróticos enquanto fenômenos estranhos ao eu e que não se enquadravam devidamente no caráter, isto é, no modo habitual de conduta que delimita a personalidade. No entanto, com as transformações nas balizas da constituição do eu, a fronteira entre sintoma e caráter fica menos nítida. A esse respeito, Fenichel (1957/1973) observa que nas neuroses modernas já não se trata de uma personalidade uniforme que seria perturbada pela aparição de atos e impulsos inadequados. Trata-se de uma personalidade visivelmente devastada ou disforme, comprometida de tal modo pela enfermidade, que desaparece toda linha de demarcação entre personalidade e sintoma.

O empobrecimento da elaboração inconsciente resvala na rigidez da defesa do ego contra a angústia. A falha sintomática da defesa é menos manifesta do que sua elaboração. A rigidez da conduta tolhe massivamente a vivacidade e a elasticidade do ego. Em lugar de um conflito potente entre impulso e defesa, o que encontramos são resíduos congelados de conflitos anteriores. Fenichel atenta para o fato de que os casos de neurose claramente delineados cedem lugar a sujeitos afetados por transtornos menos definidos, muitas vezes mais inconvenientes para aqueles que os cercam do que para o próprio ego. Essa linha de pensamento evidencia, portanto, que as psicopatologias do caráter retratam perturbações narcísicas em que a divisão subjetiva sucumbe face ao enrijecimento da posição de objeto fixado em modos de gozo avassaladores, os quais caracterizam perversamente o ego e não são estranhas a ele.

Essas coordenadas abrem novas vias para pensar tanto a clínica, quanto a formação dos psicanalistas na atualidade. O fracasso terapêutico do processo analítico clássico diante das configurações subjetivas pós-modernas parece ter exigido reinventar as coordenadas de sua finalidade. Quando Miller (2013) redefine o final da análise, propondo uma nova versão do dispositivo lacaniano do passe, parece fazer do vício virtude. Ao elevar personalidades enrijecidas no gozo autista do sinthoma à dignidade de novas celebridades nomeadas pelo dispositivo do passe, teria ele encontrado uma solução que as compensaria por seus transtornos dilacerantes? Uma questão, entretanto, se revela preocupante. Seriam estes indivíduos, melhores analistas? Estariam mais à altura de responder aos transtornos contemporâneos da personalidade?

## Referências Bibliográficas

Barreto, F. P. (2016). História mínima da clínica psiquiátrica. In: F. P. Barreto [autor], *O bem-estar na civilização*. Curitiba: Editora CRV.

Bercherie, P. (1989). *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Coelho dos santos, T. (2001). *Quem precisa de análise hoje?* São Paulo: Bertrand Brasil.

Coelho dos santos, T. (2006). O psicanalista é um sinthoma. *Latusa*, (11), 57-72. Rio de Janeiro: EBP.

Coelho dos Santos, T. (2009). Sinthoma: a arte de encarnar e sublimar o próprio sexo. In: Coutinho Jorge, M. A. & Mello de Lima, M. (Orgs.). *Saber fazer com o real: diálogos entre Psicanálise e Arte* (373-380). Rio de Janeiro: Companhia de Freud, PGPSA/IP/UERJ.

Coelho dos Santos, T. (2012). O Real sem sentido nas ciências em geral e na psicanálise em particular. *aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana*, VII(13), 12-29.

Coelho dos Santos, T. (2013). A psicanálise é uma ciência e o discurso analítico é uma práxis? *Revista Ágora*, XVI(2), 299-312.

Coelho dos Santos, T. (2014a). La pratique psychanalytique et sa jouis-science. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 218-233.

Coelho dos Santos, T. (2014b). Do sujeito sujeitado à lei simbólica à normatividade do supersocial. In: Coelho dos Santos, T. *et al*. (Orgs.). *Os corpos falantes e a normatividade do supersocial* (27-62). Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Esquirol, E. (1976). *Des maladies mentales considerées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal*. New York: Arno Press. (Trabalho original publicado em 1816).

Fenichel, O. (1973). *Teoria Psicoanalitica de las Neurosis*. Buenos Aires: Editorial Paidos. (Trabalho original publicado em 1957).

Filho, R. B. M. & Morana, H. (2014). Transtornos específicos da personalidade: semiologia em psiquiatria forense. *Psychiatry on-line Brazil*, 8(12). Recuperado em 10 dezembro, 2016, de http://www.polbr.med.br/ano03/artigo1203_b.php.

Freud, S. (1996a). Carta 72. In: S. Freud [autor]. *Obras completas de S. Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).

Freud, S. (1996b). Caráter e Erotismo Anal. In: S. Freud [autor]. *Obras completas de S. Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1996c). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In: S. Freud [autor]. *Obras completas de S. Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).

Freud, S. (1996d). O ego e o id. In: S. Freud [autor]. *Obras completas de S. Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (1996e). Tipos libidinais. In: S. Freud [autor]. *Obras completas de S. Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).

Gonçalves, S. de F. & Teixeira, A. M. R. Da paranoia do conhecimento à psicose: uma travessia teórica no texto de Lacan. *Revista Ágora*, *18*(1), 101-113.

Hare, R. D. (1996). Psychopathy and antisocial personality Disorder: a case of diagnostic confusion. *Psychiatric Times*, 13, 39-40.

Jaspers, K. (1973). *Psicopatologia Geral.* São Paulo: Livraria Atheneu. (Trabalho original publicado em 1913).

Kretschmer, E. (1954). *Constituición y carácter: investigaciones acerca del problema de la constituitión y de la doctrina de los temperamentos.* Montevideo: Editorial Labor.

Lacan, J. (1987). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1936).

Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In: J. Lacan [Autor], *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1966).

Lacan, J. (2005). *Le Séminaire, Livre XXIII: Le Sinthome*. Paris: Seuil. (Seminário de 1975-1976).

Lewis, G. & Wessely, S. (1997). Neurosis and Personality Disorder. In: Murray, R, Hill, P. & McGuffin, P (org.). *The Essentials of Postgraduate Psychiatry* (145-191). Cambridge: University Press.

Miller, J.-A. (2003). *La experiência de lo real en la cura psiconalítica*. Buenos Aires: Paidós.

Miller, J.-A. (2011). *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo***.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Miller, J.-A. (2013). *Piezas Sueltas*. Buenos Aires: Paidós.

Pinel, P. (2007). *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania.* Porto Alegre: Editora da UFRGS. (Trabalho original publicado em 1801).

Reich, W**.** (2001). A teoria da formação do caráter. In: W. Reich [autor]. *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930).

Schneider, K. (1974). *Las Personalidades Psicopáticas*. Madrid: Ed. Morata. (Trabalho original publicado em 1923).

**Citacão/Citation:** Coelho dos Santos, T. & De Oliveira, F. L. G. (mai. a out. 2017). A atualidade dos termos caráter e personalidade. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, *12*(24), 5-16. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **doi:** 10.17852/1809-709x.2019v12n24p05-16.
**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.
**Recebido/Received:** 25/05/2017/ 05/25/2017.
**Aceito/Accepted:** 18/06/2017 / 06/18/2017.
**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permites unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.